

Clero, Nobreza e Povo

É uma expressão que significa a totalidade de uma população, de uma população investida dos direitos de cidadãos, dentro da graduação enunciada.

É para exemplificar vou relatar um fato, ocorrido em Campinas, que reproduz uma concentração de clero, nobreza e povo:

Transcorria o ano de 1816. Campinas já tinha empossado seu ~~Senado~~ Senado da Câmara, com mandato anual dos vereadores. A 15 de maio foi mandado afixar editais sobre o "luto e rojamento do falecimento da Augustíssima Nossa Soberana Dona Maria Primeira Rainha de Portugal", e executado o cerimonial de lamentações nas quatro praças da vila de Campinas.

Na primeira praça, que passou, mais tarde a chamar-se "Largo do Rosário" porque ali se localizava a igreja de Nossa Senhora do Rosário, presentes ^{clero,} ~~os presentes~~ alguns padres além do vigário Joaquim José Gomes, destacando-se o Vigário da Vara, ou vigário foraneo José Teixeira Vilela irmão do 1.º vigário que já não se achava mais ~~em Campinas~~.

9.5

Pronunciada em parte, por esgotar-se o tempo, no "Cavaleiro de São Paulo" a 14.VIII - 1984.

José de Angelis
Melo Cardanelli

em Campinas, e o Padre Diogo Antônio
 Feijó que fixou-se ^{nesta cidade} ~~em~~ ~~Campinas~~ como
 professor de meninos em 1804, antes
 de ser presbítero, mas em 1816 foi com
 as ordens maiores era senhor de enge-
 nho, ~~portanto, da qual~~ com escravos.

V. M. André Indacatulo
 Guilherme de Almeida
 Rodrigo Otavio

o Largo do Rosário, ^{primeira} dividida em três praças

Na primeira praça a cumônia

Os vereadores levaram capas
 e varas pretas e seus escudos
 tintos de preto

berana "Rainha Nossa Senhora Dona
 Maria Primeira"

e quebrando o escudo em duas
 partes e o deitando ao chão,

foi ^{de} seguido por três descargas
 de companhias ^{militar} que se achava destacada
 na dita primeira praça
 A tropa era a sobresa com títulos de oficiais, armada
 militarmente e foi dividida
 pelas quatro praças

na segunda praça, hoje conhecida
 como Largo da Catedral, o vereador
 José Pedro de Moraes fez a proclama-
 ção e o quebramento do escudo, ~~seguida~~
 pela descarga da outra tropa a qual se
 quitou - primeira

na terceira praça, o então ^{ou largo da distância} largo
do Palacinho, hoje Praça Antônio
Pompeu, fez proclamação o terceiro
necado Albano Leite do Couto
segundo da descarga e junção das tropas

e na quarta praça, ou pátio da
matriz, hoje praça Bento Durão
com o ~~as necados~~ do procurador
do Conselho Joaquim José dos
Santos ^{e pela o estado} fazer a proclamação ^{alguns}
da da descarga e junção com os quatro
destacamentos de tropa

~~os necados levaram capas e bases
fritas e seus vestidos tintos de preto~~

em seguida se recolheram a casa
do juiz Presidente

Temos a figura do Cleo Nahya e Poro
reunidos numa função pública
e passemos a tratar de cada um

O Clero

Clero de Campinas
Nobres - Veradores -
Agenciados com Ordens
Títulos
Toro - Ofícios mecânicos
na sociedade

Tratando da família Amara Gurgel (1)

Rio de Janeiro, que teve em São Paulo um ramo de muita evidência, como em outros muitos Estados de Federação, tivemos oportunidade de fazer referências a Cláudio Gurgel do Amaral, transcrevendo de Afrânio Peres que este Gurgel "enruiando to-
mon ordens" (sacras) "já avançado em idade. Os haveres da família consideráveis. Ele des-
renças contra parciais de grupo contrários na cidade, atacado por populares em embor-
cada, recebeu ferimentos ^{de} (que) veio a falecer na Santa Casa" ()

Este é um fato que bem ilustra o que desejamos dizer sobre os privilégios em favor do clero. Seus componentes tinham es-
peciais proteções de leis e atos régios que os colocavam em situações especiais, tanto quanto a nobreza, mas com exigências como a de sangue limpo, para o que os candi-
datos ao sacerdócio, promoviam previamente a sua habilitação "de genere" provando não conter em ^{seu} sangue, o sangue mouro, mula-
to, judeu ou cristão novo, de ^{que} falaremos adiante.

(1) Celso: "As Cadeias do Quirador"

Mas posso apresentar um fato bem significativo, ocorrido em Campinas, provando as afirmativas que ora faço:

Padre Ramalho - Vende Grande
 Combate - cavalaria - infantaria
 tropa mercenária
 devota. prisão de oficiais
 feridos - soldados
 massacre.

desse ~~zabuar~~ Augusto Emílio Zaluar

"As lendas desse dia funesto correm no entanto ~~na~~ boca ~~do povo~~ ^{povo} com toda a força de uma tradição fraticida. Não serei eu quem levante a cortina que ainda envolve os mistérios dessa lamentável cena"

E Dr. Ricardo falando do Cap. Boarentura.

"Prenderam - no e no ato propositamente feriram - no levando - o para a casa antiga da fazenda que era sobrado. Ali atiraram - no na cama e na mesma noite os soldados assassinaram - no a pauque frio"

o Ana Gabriela filha de Francisco de Paula Camargo

"morreram na Ação Joaquim Camacã e Pedro Aleixo; ficaram baleados muitos que morreram assassinados depois da ação. Comandante Boarentura e mais pessoas. Triste coisa"

sum de respeito pelos sacerdotes, ^{Mons} João José
 Vieira Ramalho

~~comandante~~ - ~~comandante~~ - ~~comandante~~ - ~~comandante~~

No clero de Campinas muitos nomes ilustres poderão ser citados, desde o primeiro vigário o franciscano Frei Antônio de Padua Teixeira, que heroicamente deu a sua vida na capital da capitania, no Convento de São Francisco, ainda existente, para colaborar eficientemente com Barreto Seme na fundação da cidade. Aceitou uma vigaria paupérrima, instalada provisoriamente em capela de pau-a-pique e coberta de xapé, postando-se, como vigário, na beira de estrada de Goiaás que passava por Campinas, pedindo esmolas para construir sua igreja, que construiu ali deixá-la quase terminada. Depois de quatro anos foi chamado para seu convento. Outro vigário que se notabilizou, e que foi colado, paragonado por mais de trinta anos foi o Padre Joaquim José Gomes, falecido no exercício e sepultado na matriz. E mais outros como o Padre Anselmo de Uluéia, o Cônego

Cipião Jurequeira, heróico apóstolo
na epidemia de febre amarela,
quando também foi um abnegado,
o Padre João Batista Correa Neri,
depois vigário das paróquias de
Santa Cruz, hoje basílica do Carmo,
e da Paróquia de Conceição, hoje
Catedral. Dom Neri foi

O segundo bispo também nascido
em Campinas como foi Dom Neri, era Dom
Francisco de Campos Barreto

Ainda ~~em~~ Campinas Tene a consignar
saques de sacerdotes elevados ao episcopado
além destes dois, antes dos quais saqueou-se
o seu antago vigário Dom Joaquim José
Vieira, bispo de Fortaleza no Ceará.
Depois da queda dois saquearam-se

Dom Altairé Chagas de Miranda, bispo
 de Pouso Alegre; Dom Joaquim Mamude
 da Silva Lute, bispo auxiliar de Campinas;
 Dom Edilúcio José Soares, bispo de Petrolina
 e, depois, de Santos; Dom Francisco de Bor-
 ja Amaral, bispo de Lorena e depois de
 Tambaté; Dom Agnelo Rossi, bispo de
 Barra do Piraí, arcebispo de Ribeirão
 Preto e de São Paulo e hoje Cardeal da
 Igreja Romana; Dom Amger Francisco
 de Maria Melilo, bispo de Piracicaba; Dom
 Bernardo José Bueno Milh, bispo auxiliar
 de Campinas e arcebispo metropolitano de
 Ribeirão Preto; Dom Tomás Vaquero, bis-
 po de São João da Boa Vista; Dom Celso
 Luciros, bispo auxiliar de São Paulo.

E podemos admitir tão grande
 número de prelados em uma só cidade,
 fruto de santo apostolado do primeiro
 Dom Joaquim José Vieira, aluno ordenado
 por Dom Antônio Joaquim de Melo, fundador
 do exemplo do seminário de São Paulo, e
 de outro santo apostolado, o de Dom João
 Batista Correia Neri, ordenado como
 aluno do mesmo Seminário.

Nobreza

clero, Nobreza e Povo era uma divisão da sociedade, uma distribuição social como, ainda hoje, se divide a população em classe empresarial, classe média e povo, sem os mesmos privilégios de antanho, mas privilégios contemporâneos, talvez com menor justiça que a de tempos passados.

A Classe empresarial, a mais alta, a mais poderosa, se alcança ^{hoje} pelo nível econômico; basta acumular fortuna para nela ingressar. Enquanto a nobreza, de início, se conquistava nos campos de batalha, tornando-se mais tarde uma prerrogativa dos soberanos para premiar seus vassallos com regulamentações ~~de~~ leis. Assim ^{se} enobreciam

"por singulares virtudes, por façanhas feitas na guerra ou na administração da República, pelo adorno da ciência, pelo agrado da eloquência ou por outras excelências que os fizessem conhecidos, meream alcançar uma maioria, a conseguir uma vantagem sobre os outros homens que reconhecendo a bizarrice de suas ações,

e a heroicidade de seus feitos, com culta admiração os diferenciavam dos mais e veneravam sua memória". "Fundada assim a nobreza e divididos os dois estados de nobres e plebeus, destinavam-se estes para o serviço da República e aqueles para o governo dela". É o que diz o tratado de nobreza de autoria de Antônio de Vilas Boas e São Paio em sua "No-biliarchia Portuguesa, editada em Lisboa em 1727. Então se entendia que "nos plebeus é louvável qualquer bom procedimento porque não se esperam tanto deles; nos nobres não se apaga o desar de qualquer desacerto, porque têm obrigação de obrar sempre bem"

Ve-se que foi realmente uma divisão social, de caráter prático sem uma prosápia de superioridade, mas antes de conhecimentos como se impõe até hoje entre cultos intelectualmente e incultos com

trabalhos braçais, ~~ento~~ isto já em períodos de ^{guerra e} distinção intelectual, aquela mais remota e reforçada por esta. É acrescenta o mesmo autor que "se via sempre no mundo que o adorno dos Reinos, o crédito das Monarquias era a nobreza dos que a povoam".

Hoje é a mesma a realidade, acrescento - se ~~acresce~~ o valor do dinheiro, fator dominante em nossos tempos, consequência da prática de atribuir ao nobre a preferência ou exclusividade do direito de propriedade. É ao nobre se conferiu o direito de ter um distintivo que se tornou um signo de nobreza, o brasão heráldico, também nascido nas guerras quando o chefe de uma facção de soldados peões, ele revestido

de armadura, com o seu helmo cobrindo a cabeça e o rosto, necessitava de um distintivo para que seus comandados o distinguíssem, e assim pintavam no seu escudo defensivo um sinal combinado que passou depois a distintivo de família, valioso pela sua tradição honrosa.

De tudo surgiu, com o passar do tempo, a regulamentação e ainda a codificação do direito do que existe vasta literatura da qual posso ^{citar, de 1932,} exemplar: "~~Le droit Héraldique dans les Pays Bas Catholiques~~" de autoria de um advogado titulado pela Universidade de "Louvain", doutor em ciências históricas. E cito esta obra e seu autor, para se avaliar a importância e desenvolvimento que teve na Europa, ^{e continuando nas monarquias} toda a ciência e literatura sobre direito de nobreza e direito heráldico, quando ^{constituía e constitui} crime passível de penalidades, o uso ^{irregular} de nome nobre e de brasão que não pertence a usuário.

Estes direitos variavam ^{e variam} de país para país. Assim, ~~em~~ países anglo-saxões e na França, a nobreza e o uso de brasão só se

Transmitido
pela linha masculina, enquanto em Portugal e no Brasil, se transmite também por linha feminina, o que me parece mais racional.

É para concessão do uso de um brasão, era indispensável um processo de "habilitação de genere" provando-se que pretendente ao brasão descendia de fidalgo que o tinha por concessão del Rei, e que o pretendente fosse limpo de sangue ou que não ~~des~~ tivesse em suas veias sangue de, diziam as leis, "mouro, mulato, judeu ou cristão novo".

Estas expressões exigem esclarecimentos, pois mouros são os grandíssimos inimigos dos cristãos portugueses, invasores das terras europeias de beira do mar Mediterrâneo. Não eram cristãos mas seus inimigos assum como seus filhos mestiços de sangue cristão, aqui chamados de "mulatos". O que é claro na própria expressão, pois não se trata de mestiço de branco com preto quando diz "mouro, mulato", pois se tratasse de ^{mulato} preto mestiço, não passaria de mouro a mulato e obrigatoriamente se teria de dizer mouro, preto e mulato.

O preto não era impedido de receber e usar brasão como se conclui da lei e como ~~demonstrou~~ ^{o Visconde do Botelho - Engº Sago da} ~~constatou mais tarde, no rei-~~ ~~nado de~~ Câmara em seu livro "Conceitos de Política Atlântica", pag 117: "A 'limpeza de sangue' era, com efeito, de duas naturezas: de caráter social, se os pais viviam com dignidade e nobreza, embora não fossem nobres encartados; de caráter religioso, se não tinham sangue de "infecta nação", judeu ou mouro - mas de religião e não de raça". "A discriminação de caráter religioso visava, especialmente, os indivíduos de religião hebraica ou maometana. As hostes católicas defendiam-se da infiltração inimiga. Quem queria ser padre, por exemplo, tinha de comprovar sua origem, a "limpeza de sangue" - fosse nobre ou plebeu".

Confirmando nossa afirmativa sobre o mulato, filhos de cristão com mouro, prova o mesmo autor que o mulato mestiço de branco com negro, não sofria qualquer discriminação, pois ^{pelo ano de} ~~em~~ 1590 foi nomeado para escrever de ofício do Faial, um "mulato, cavaleiro da casa de Sua Magestade". Mais adiante (pag 126)

relate que, em 1848, o negro João Maria de Sousa Almeida foi agraciado com o título de Barão de Água-Ízê; em 1871, o filho do precedente teve o mesmo título. Ainda em 1871 o negro Manuel José Puma foi feito Barão de Cabinda, de juro e herdade, e mais outros casos de igual natureza.

Sendos, como já dissemos, a nobreza em nossas cidades, composta de elementos que não se dedicaram a trabalhos manuais, mas ao alto comércio e à agricultura, só estes poderiam ser vereadores.

Numa vila ou cidade, as listas de encarregados de vereança constitue um catálogo de nobreza, muito vasto e longo. Mas das mesmas vereanças podemos indicar famílias que mais se destacaram na vida pública de Campinas, como elementos de sua nobreza.

Os primeiros vereadores de Campinas exerceram cargos na Câmara de Jundiaí, pois Campinas era simples distrito, ou freguesia da vila de Jundiaí. O primeiro entre elles foi Francisco Barreto Leme

natural de Tanbaté e fixado em Cam-
pinas em 1741. Em janeiro de 1744 já
tomava posse na vereança de Jun-
diá, que era vila e tinha seu Senado
da Câmara

Além de uma nobreza generaliza-
da por suas funções como aconteceu
com o senhor de engenho. Dom João II
para incentivar o desenvolvimento do
Brasil concedeu uma certa privilégio
para quem fundasse engenho de açu-
car, diz Pedro Calmon que compara
o senhor de engenho a um morgado.

E em Campinas foram os
maiores senhores de engenho, o Briga-
deiro Luís Antônio de Sousa, residente
em São Paulo, com 10.900 alqueires de terras;
o Guarda-mór Manuel Teixeira Vilela, com
9.700 alqueires, construtor, para sede,
de um grande salão que é o hoje a
sede do Museu Histórico de América-
na, cujas terras pertenciam a Campinas

Em seguida está o irmão do Bugadiro - Francisco Antônio de Sousa, também residente em São Paulo, proprietário de 8 mil alqueires. Este foi pai de Francisco Inácio de Sousa Queiroz, o da Bernarda e avô de duas filhas deste, que herdaram o grande latifúndio dividindo-o em dois que se tornaram históricas Fazendas, a de Santa Genêbra e a Rio das Pedras, ainda existentes mas a caminho do fracionamento.

Em seguida os arquiros apontam Theodoro Ferraz Leite, com 4.500 alqueires, antepassado do Nogueira Ferraz, de José Paulino Nogueira e outros. É este seguido por ~~José~~ ^{José} Joaquim Teixeira Nogueira, com 2.250 alqueires, o que registra com engano, pois este Teixeira

Nogueira foi o maior proprietário de sesmarias em Campinas, recebendo-as em ^{um} número de ~~seis~~ cinco em varios pontos do antigo município. E Joaquim José Teixeira Nogueira, com seu irmão Filipe Neri Teixeira e Antônio Ferraz de Campos, este de Itu, pai do Barão do Cascalho e avô dos Barões de Monte Mor e Porto Feliz, foram os introdutores da indústria açucareira em Campinas, os irmãos Teixeira, Joaquim José na Fazenda Chapadão e Filipe Neri na Fazenda da Barra, hoje bairros da cidade, e o irmão Antônio Ferraz de Campos em terras no bairro de Arhumas.

O Padre José Francisco Arraiza de Camargo também foi dos grandes e primeiros senhores de engenho e construiu belíssimo sobrado ~~arru~~al que, infelizmente

ruin por abandono. Seu irmão
Joaquim Franha Barreto de Ca-
margo em 1806 comprou parte de
uma sesmaria em Campinas, nela
construiu belíssima sede vasta
e distinta que, felizmente, ain-
da existe como sede de um
serviço agrícola do Governo do

Estado, hoje tombada pelo Conselho

Foi o pai da viscondessa de Campinas e iniciador do ramo
familiar souza branha. ~~Em 1846~~ Em 1846, com a visita do

Imperador, foram agraciados os
primeiros campinenses com as
ordens honoríficas de Cristo e
da Rosa: ~~entre os quais nos tem~~
~~bramos~~ o juiz dr. Francisco de
Assis Pupo e Raimundo Abrão
dos Santos Prado Sene, com a Ordem
de Cristo; Antonio Manuel Teixeira,
Inerubim Uriel Ribeiro de
Castro Camargo, Joaquim Boinfácio
do Amaral (futuro Visconde de Indaikatubá)
e Teodoro Langgaard, com a Ordem da Rosa

falar aqui
do processo
de gene e
de nobilitate
profunda
Amor
Lobo
Mull

Padre Melchior
de Pontes do
Amaral e
seus crias
incluindo o cap.
Boaventura
Pinto do Amaral de São
Emboçara
Nobilitate ^{seus} ^{Padre}
Mull

Mais tarde surgiram os títulos hono-
ríficos, que o Prof. Lycurgo de Castro
Santo Filho relatou, de forma comple-
ta, em trabalho ~~feito~~ para um dos
nossos cursos realizados. E Campi-
nas teve, os que residiam em ~~a~~ na
cidade: um marquês, o de Três Rios,
que se era ~~conde~~ do mesmo título;
Três Viscondes, a Viscondessa de Campinas
e o. Maria Suzia de Sousa Franca; o de
Três Rios, seu filho e o de Indaiatuba;
e mais os Barões, de Atibaia, o de
Três Rios, o de Monte Mor, a Baronesa
de Campinas, o ^{para} de Indaiatuba, o de
Itatiba, o de Itapira, o de Itutinga,
o de Paranaapanema ^(o de Ataliba Nogueira) o de Geraldo de
Resende e o de Anhumas, este já
no ocaso do Império.

O Povo

Quem não era padre e não pertencia à nobreza, era do povo. Homens do trabalho manual como diziam os recenseamentos: mine do seu ofício de sapateiro, mine de oficial de carpinteiro, mine do seu ofício de alfaiate, mine de seu ofício de ferreiro, mine de seu ofício de latoeiro, e outros mais em atividades às quais não se dedicaram, e não podiam se dedicar, os da nobreza e do clero. Entretanto aqueles ^{por seus descendentes} poderiam alcançar a nobreza com atos notórios de valor, se p'ntissem deixado o ofício manual em troca de vida "a lei da nobreza"

Quanto ao escravo, este não tinha posição social, era uma propriedade das outras classes. A escravidão é milenar, ^{desde} quando os vencidos em guerra se tornavam escravos dos vencedores.

No Brasil foi a imposição

econômica que instituiu o tráfico de escravos, que aqui, em nosso país, como em outras terras descobertas e colonizadas pelos portugueses, tinham o melhor trato dispensado, no mundo, para os escravos. São inúmeros os testemunhos desta grande realidade.

Campinas tem sido caluniada como terra de terríveis senhores de escravos, o que nunca pudemos admitir desde a meninice quando brincamos com parentes velhos que tinham vivido no tempo da escravidão. Muitas manifestações de carinho ~~curiosos~~ ~~maço~~ por escravos, ouvimos naquele tempo.

Publicado um livro, desenvolvimento de tese de doutoramento contra os senhores de escravos de Campinas cuja autora se fundamentou

em processo de uma conjura de es-
cravos de Campinas, tiremos acasão
de compulsar esse processo e che-
gar a conclusões diametralmente
opostas às conclusões da autora que
se esforçou para coibir de opióbrios
todos os senhores de escravos de
Campinas.

No próprio processo em
que se fundou a autora, encontra-
mos provas contrárias à sua tese,
contrárias por demonstrar que os
instigadores da conjura mentiam
aos escravos que tal movimento
visava só sua libertação sem mo-
lestar os seus senhores, ou que o
movimento visava defendê-los
de feticarias. Prova mais o
processo que os escravos tinham
liberdade para, em cavalos do

próprio senhor, viajar para outros engenhos, à noite, visitando seus amigos escravos; tinham bebedeira e dinheiro para mandar fazer armas em oficina de ferreiro e, o mais significativo, eram em numero pequeno e em reduzidos engenhos que não contavam com mais de um ou dois revoltosos em cada propriedade agrícola, em população de escravos maior que a população branca.

É posso relatar que há anos ~~um~~ professor de sociologia da Escola Normal de Campinas - hoje Instituto de Educação - organizou e realizou um inquérito, com seus alunos, entre antigos escravos e filhos de escravos.

Este professor que era Nelson
 Umequa, depois deputado federal
 e Ministro do Trabalho teve a agra-
 dável surpresa de receber o resul-
 tado do inquérito, com declara-
 ções de ex-escravos, na maioria,
 favoráveis a seus senhores, havendo
 alguns extremados como antiga
 escrava do Barão de Itatinga
 que dizia ter sido o seu senhor
 um "homem santo". Os filhos de
 escravos já eram menos elogio-
 sos aos senhores, mas os antigos
 escravos, em maioria, elogiavam
 seus antigos senhores.

+ documentos

desse inquérito,
 que fundamentarão
 futuro traba-
 lho meu.

Nelson Umequa me fez presente ~~dos~~ +

Se vemos esplendores na his-

tória de Campinas, não podemos es-
 quecer a dádiva que lhe fez a na-
 tureza de um solo de terras ferti-

lissimas, coberto de matas gigantes e exuberantes, com ondulações que vão do campo às serras de encantadores recortes e climas benéficos com águas abundantes, e luminosidade ^{de um céu} que fazem uma terra privilegiada.

Campanas, 14 de agosto de 1984